

Textos, discursos e interações na contemporaneidade: desafios, diálogos e perspectivas

Ev[^]Ângela B. R. de Barros*
Eulália V. L. F. Leurquin**
Maria Angela P. T. Lopes***

“Na composição do sentido não há nada que esteja acima da formação e independente da ampliação dialética do horizonte social.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 238)

Este número de Cadernos CESPUC focaliza o tema “Discursos em tempos, espaços e contextos múltiplos e a influência da (hiper)digitalização nas relações intersubjetivas contemporâneas”. Começamos nossa discussão, a partir da remissão a Volóchinov, lembrando que as coisas não têm um sentido em si, descontextualizadas, mas se apresentam a nosso olhar em busca de uma coconstrução, sempre única, sempre nova, situada, a despeito do uso do corriqueiro, das palavras habituais.

Como nos lembra Freire (2021),

Uma das condições para que um fato, um fenômeno, um problema seja entendido em sua rede de relações é que se torne, dialeticamente, um destacado percebido em si. Primeiro que o compreendamos como algo nele mesmo para assim perceber que sua compreensão envolve suas relações com outros dados ou fatos. (FREIRE, [1994], 2021, p. 286)

* Pós-doutora em Estudos do Texto e do Discurso (UFMG). Mestre e doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). Graduada em Letras (UFMG) e Pedagogia (UEMG). Professora da graduação e do PPG em Letras da PUC Minas. Coordenadora do Curso de Letras. Coordenadora Setorial de Publicações da PROEX PUC Minas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8094-2329>.

** Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutora pela Université Sorbonne Nouvelle Paris 3 e pela Université de Genève. Professora Titular da UFC. Onde atua no Programa de Pós-Graduação em Linguística e no Mestrado Profissional em Letras. Neste é Vice-Coordenadora. Pesquisadora CNPq. Membro do GT Ensino e Aprendizagem na perspectiva da Linguística Aplicada, na Anpoll. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7532-1210>.

*** Graduada em Letras (português/francês) pela UFMG, mestre em Letras (PUC Minas) e doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). Realizou estágio de Pós-doutoramento (2017) no Laboratoire LIDILEM, na Université Grenoble Alpes (França), Professora da graduação e do PPG de Letras da PUC Minas. Cooordenadora do NELLF (Núcleo de Estudos em Letramentos, Linguagens e Formação) da PUC Minas e membro do GT Ensino e Aprendizagem na perspectiva da Linguística Aplicada, na Anpoll. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0627-9546>.

Freire e Volóchinov, em contextualidades completamente diferentes e espaço-temporalmente distantes, dialogam em suas assunções; essa perspectiva aí instaurada nos convida a uma leitura dialética e dialógica da realidade.

No caso em tela – ao estruturarmos este volume de CCP –, buscamos perceber possíveis interlocuções entre discursos, materializados em gêneros diferentes – ele representa nossa leitura e, conseqüentemente, o modo de organizá-lo não é a única forma possível, o único liame a seguir; mas, ao fazê-lo, tentamos apresentar uma “rede de relações” entre a “Roda de Conversa” e os artigos integrantes do dossiê.

Numa visão global, notamos que os discursos, em especial após o período pandêmico (que nos obrigou a um conjunto de novas inter-relações com os outros e com as tecnologias digitais de informação e comunicação, as TDIC), apontam para fenômenos linguageiros relevantes, a processos de criação textual em formatos cada vez mais hibridizados; na contemporaneidade, gêneros textuais são (re)criados, a partir de demandas da realidade, respaldados em tecnologias que, inexoravelmente, adentraram nossas relações e passaram a moldá-las / a marcá-las dialeticamente.

Quando se pretende investigar ações e práticas de linguagem, sejam da esfera educacional, sejam do domínio do estudo e da pesquisa, descortina-se um horizonte de desafios e possibilidades trazidos, especialmente, pelas novas formas de interação decorrentes de dispositivos tecnológicos e de modos de produção e circulação que acionam semioses múltiplas e diversificadas. Ao trazer essa discussão para a esfera educacional, percebe-se que essas novas formas de interação exigem do professor uma inovação na didática do ensino de leitura e de produção de texto, porque ele deve ensinar as tramas do gênero semiotizadas nos textos, em suas diversas linguagens.

Nesse cenário, também inovamos, nesta edição, buscando dar uma escuta a especialistas da língua(gem) e, além dos artigos e ensaios comumente presentes no periódico, inauguramos uma seção diferente, à guisa da tradicional seção de “entrevistas”, que intitulamos como “Roda de Conversa”. Essa inovação nos permitiu interagir com três professoras pesquisadoras dispostas a compartilhar conosco suas vivências com práticas investigativas e formativas no / do campo da linguagem.

Essas três professoras pesquisadoras atuam em espaços geográficos bem distantes, mas com objetivos muito próximos: a professora Rosalice Pinto, pesquisadora do Instituto de Filosofia da Linguagem, da Universidade Nova de Lisboa e do Centro de Estudos sobre Desenvolvimento e Sociedade da Faculdade de Direito da mesma universidade (Portugal); a professora Florencia Miranda, pesquisadora da Universidade Nacional do Rosário (Argentina) e a professora Ana Elisa Ribeiro, que atua com ensino básico e superior no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Brasil).

Com esta interlocução direcionada por alguns questionamentos e problematizações, almejamos propiciar um espaço de interação entre pesquisadores da área de Linguística, Literatura e Letras e os leitores / pesquisadores / professores. Ao propor esse “diálogo”, o nosso objetivo maior foi apresentar uma discussão sobre determinados temas de interesse da comunidade, materializados nos textos / discursos, para que não nos esqueçamos de que “O texto é o dado (realidade) primário e o ponto de partida de qualquer disciplina nas ciências humanas. (BAKHTIN, 2011, p. 319).

Os artigos aqui reunidos e as conversas com as três estudosas contemplam essa multiplicidade de perspectivas sobre o estudo e o ensino de língua(gem), ao expor resultados de reflexões teóricas e práticas voltadas à investigação da produção e da recepção textuais, nas modalidades oral e escrita, em diferentes esferas da sociocomunicação humana. Em conjunto, as contribuições abrangem uma diversidade de modos de ler, ouvir e produzir textos de práticas discursivas plurais e multifacetadas, no âmbito de uma dada coletividade, tendo em vista processos de coconstrução de sentidos que se orientam por finalidades e funções determinadas por interlocutores pressupostos.

Em diálogo com a epígrafe de Volóchinov (2017) e a citação de Freire (2021) que abrem esta apresentação, os desafios postos aos estudiosos do campo das linguagens convocam abordagens que busquem mostrar os objetos sígnicos pela perspectiva dialética.

Ao discorrer sobre a interação discursiva, Volóchinov (2017, p. 204) assinala a dimensão mutável e heterogênea dos signos. A palavra “orientada para o interlocutor” somente poderá ser examinada em sua rede de relações, uma vez que a sua concretização “só é possível por meio de sua inclusão no

contexto histórico real da sua realização inicial” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 192).

Nessa medida, os textos / os discursos oferecidos aos leitores deste volume evidenciam a perspectiva discursiva e sócio-histórica da maior parte dos estudos empreendidos, bem como o papel da linguagem na constituição dos processos dialógicos vividos por sujeitos em situações concretas de interação, sejam elas presenciais ou mediatizadas por TDIC.

Vale lembrar, com Volóchinov (e demais integrantes do Círculo de Bakhtin), que

[o] enunciado como tal é em sua completude um puro produto da interação social, tanto a mais próxima, determinada pela situação da fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216)

Das negociações instauradas nesses processos dialógicos, em que os mundos representados assumem um papel importante, podem ser flagrados lugares sociais assumidos discursivamente e materializados no próprio agir discursivo, agenciados por estratégias de posicionamento enunciativo, de modos de gestão de vozes, marcados pela heterogeneidade e pela interdiscursividade responsáveis por desencadear uma pluralidade de efeitos de sentidos.

Como bem lembra Rojo (2013, p. 19), os estudos de orientação discursiva e dialógica do chamado Círculo de Bakhtin investiram na compreensão dos enunciados, orais ou impressos, característicos de seu tempo. Naquele momento, Bakhtin (2011) reconhecia a heterogeneidade dos enunciados, ou mais propriamente, dos gêneros discursivos, salientando a necessidade de considerá-los a partir da diversidade de modalidades suscitadas por uma complexidade funcional. Essa complexidade redundou na diferenciação proposta pelo autor entre gêneros primários (próprios das interações simples do cotidiano) e gêneros secundários, cujas formas de constituição estariam ligadas especialmente “aos campos da atividade humana e da comunicação” (BAKHTIN, 2011, p. 264-265).

O estudioso russo chama a atenção para a relevância de considerar os efeitos das transformações das formas de interação humana sobre os gêneros discursivos, ou melhor, as relações entre essas transformações e

os estilos dos gêneros: “As mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011, p. 267).

Essas ponderações a propósito dos gêneros são problematizadas por Rojo (2013, p. 19-20), quando trata das instigações trazidas pelos textos contemporâneos que, por implicar “novas formas de produção, configuração e circulação dos textos”, impõem o enfrentamento de novos modos de conceber os processos de leitura e produção pelos sujeitos.

O leitor observará que alguns dos trabalhos desenvolvidos neste volume voltam-se para o enfrentamento desses desafios suscitados pelos novos meios de comunicação e circulação de informações, assim como apontam para percursos possíveis a fim de compreender os impactos dessas novas interações, tanto em mídias digitais como em mídias tradicionais.

Ao tratar de leitura e de leitor, Ana Elisa Ribeiro retoma a centralidade do texto, para lograr compreender o processo de leitura e de produção de textos em tempos de interação nos quais convivem modos analógicos e digitais:

Os modos de ler e escrever foram fortemente afetados por dispositivos com telas (de 42 a 5 polegadas, menos ou mais), assim como a produção escrita passou a se servir de teclados, programas editores de texto bastante mais sofisticados do que a produção manuscrita, fontes, tipos, cores, impressoras e mesmo a publicação ampla. Tudo isso, obviamente, traz efeitos aos textos que podem ser escritos, considerando-se não apenas o profissional ou o artista consagrado, mas qualquer pessoa disposta a redigir. (RIBEIRO, 2021, p. 13).

De outros rincões, posicionadas sob outras perspectivas e óticas, destacam-se as vozes das pesquisadoras Rosalice Pinto (Portugal) e Florencia Miranda (Argentina). A primeira convoca a esta conversa a estudiosa francesa Marie-Anne Paveau, que nos revela, em diversos estudos, as multifaces da produção e recepção do discurso, sempre marcadas pela “cognição social”, em que o compartilhamento (de vivências, crenças, representações, valores, *etc.*) faz que os interlocutores consigam coconstruir espaços de troca intersubjetiva. Nas palavras de Rosalice Pinto, na “Roda de Conversa”,

Atualmente, com o advento da *Web 2.0*, o que se observa é que questões conceptuais relativas às noções tradicionais relacionadas a texto / textualidade, principalmente, devem vir a ser redimensionadas e atualizadas. Citamos, por exemplo, a questão da enunciação (que passa a ter um caráter mais ampliado e com uma escrita colaborativa associada), a da deslinearização (com um viés ramificado, inclusive pelos *hiperlinks* utilizados), da composição, em que os discursos são constituídos de componentes tecnológicos, verbais e não verbais, dentre outros. (PAVEAU, 2017).

Complementarmente, Florencia Miranda nos incita a pensar nas implicações dessa heterogeneidade – sob diversas nuances – para as relações que se dão nas aulas de línguas ou, de forma mais ampla, na relação intersubjetiva professor / aluno:

Uma aula de línguas é, a meu ver, um espaço que permite problematizar as práticas de linguagem e compreender os mecanismos que participam nessas práticas para produzir sentidos, para interagir com as outras pessoas, para agir com uma língua. Isso implica problematizar e compreender também as características próprias da sociedade que interage através dessa língua. A interação discursiva (ou, talvez melhor, *linguagreira*) é sempre uma atividade complexa, diversa e heterogênea. Não é uma característica exclusiva dos dias atuais, mas um traço próprio da atividade de linguagem. Contudo, os modos de interação atual são diferentes dos que caracterizaram outros momentos históricos. Nesse sentido, a aula de línguas deve realizar uma abordagem “situada” dos textos e discursos.

Momentos históricos distintos nos impelem a conhecer o precedente, a problematizar o atual e a projetar cenários: este é o tom que permeia a “Roda de Conversa” com que iniciamos esta edição.

Com os textos selecionados, instamos os leitores a participar das provocações motivadas por essas novas formas de interação que têm impactado os modos de discursivizar e, em especial, os modos de ler e de produzir textos na modernidade. Assim, será possível acompanhar os processos investigativos vividos sob olhares múltiplos, especialmente vinculados a abordagens enunciativas e sociointeracionistas de análise.

Os leitores também terão a oportunidade de conhecer trabalhos orientados pelos estudos inspirados na Análise Dialógica do Discurso,

proposta pelos estudiosos do chamado Círculo de Bakhtin; outros que se guiam pelos princípios e conceitos desenvolvidos pela Análise de Discurso Francesa. Também será possível conhecer pesquisas empreendidas a partir das contribuições da Semântica Argumentativa e da Teoria da Argumentação na Língua, bem como as propostas de natureza ensaística e didática orientadas por concepções advindas de pesquisas da Sociolinguística e da Variação linguística, entre outras.

Essa multiplicidade de olhares, presente nos onze artigos que integram o dossiê, possibilita flagrar o necessário diálogo que deve haver quando se trata de analisar a complexidade do que é próprio da atividade humana permeada pela linguagem.

As contribuições que compõem a referida edição estão alocadas em dois grandes eixos: o primeiro contexto trata do ensino, da didatização de gêneros na sala de aula de línguas; e o segundo contexto trata da descrição e análise de gênero, sem compromisso didático.

No primeiro artigo, Carlos Heric Silva Oliveira e Josefa Felix do Nascimento apresentam resultados de experiências didáticas realizadas em sala de aula de língua portuguesa do Ensino Fundamental II. O foco dos professores foi a atividade de produção de textos com ênfase no gênero de texto Histórias em Quadrinhos.

Na sequência, Fernanda de Oliveira Valle Reis apresenta uma reflexão desenvolvida a partir de resultados de uma pesquisa de iniciação científica. Seu objetivo é mostrar os modos como o sujeito autor se posiciona frente aos saberes de sua área, em uma interface entre os processos de constituição do futuro professor, nos âmbitos de Letras e de Ciências Sociais, e o possível impacto das ações desse futuro profissional na formação humanista de crianças e jovens da educação básica, por meio de suas propostas didáticas. A autora mostrou que há mais semelhanças do que diferenças entre os graduandos dos dois cursos, em relação às dificuldades com a escrita acadêmica e o desenvolvimento da autoria.

No terceiro artigo, Ana Luísa Ribeiro Rodrigues de Sant'Ana e Tiago Dieguez mostram contribuições que, diretamente, têm desdobramentos na sala de aula do Ensino Médio, em particular, porque os autores refletem sobre os efeitos dos mecanismos enunciativos na redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Eles dão atenção especial para as cinco

competências exigidas no referido exame, dentre as quais destacam a de número IV.

No âmbito das novas tecnologias – e a miríade de gêneros e suportes que traz em seu bojo –, bem como as implicações para as relações intersubjetivas que se instauram, temos um conjunto de artigos que se inicia com a discussão proposta por Leandro Martins de Sousa, Fernanda de Oliveira Valle Reis e Thayná Viana Sampaio, sobre autoria, transgressão linguística e preconceito de classe. Para isso, os autores analisam, numa perspectiva discursiva, um *post* da professora de literatura Regina Dalcastagnè, publicado no *Facebook*, em que ela discorda do conselho editorial que decidiu manter a escrita original da obra “Casa de Alvenaria”, da escritora Carolina Maria de Jesus. Também são analisados três comentários de usuários da rede social, acerca da crítica da professora.

Victoria Wilson da Costa Coelho e Marcele Goulart, também no contexto das relações virtuais, discutem as estratégias de ataque de face. O objetivo principal é analisar as estratégias de preservação e ataque às faces em uma interação conflituosa realizada entre o presidente Jair Messias Bolsonaro e sua equipe, na *live* divulgada em seu canal do *YouTube* no dia 18 de agosto de 2022.

José Augusto Bregalda e Marlete Sandra Diedrich, a partir de resultados de um estudo de caso, trazem à pauta a enunciação nos *rending topics*, com a intenção de mostrar como se organiza o aparelho/quadro formal da enunciação para se compreender de que forma se dão as relações *eu-tu* nesse contexto particular.

Em seguida, Lairson Barbosa da Costa e Jair Alcindo Lobo de Melo fazem uma revisão bibliográfica sobre polifonia e argumentação; para explicitar seu ponto de vista, realizam a análise empírica do artigo de opinião “Brasil, enfim podemos juntar a hipocrisia, a arrogância e a covardia às nossas marcas identitárias”, de Mariana Barreto, publicado no “GGN: o jornal para todos os brasis”. Concluem ser possível, tanto para os professores quanto para os alunos, o entendimento de como se dá o processo de construção de sentido na língua, bem como das estratégias argumentativas por meio da polifonia, do enunciado – locutor e enunciador(es) – e da teoria dos *topoi*.

No oitavo artigo, Nathalie Resende de Carvalho reflete sobre o texto literário em forma de *rap*, aproximando duas temporalidades e conjunturas. A autora mostra uma releitura do poema Navio negreiro, em diálogo com

a música do *rapper* Slim Rimografia, numa perspectiva social da linguagem como atividade de interação social.

Na sequência, Selma Lúcia Assis Pereira e Carolina Lopes Marques apresentam resultados de seus estudos sobre recursão e intertextualidade, aproximando estudos cognitivos e da Linguística Textual. Com ênfase na construção de processos de sentidos de textos verbovisuais, em especial o gênero charge, analisam exemplares produzidos no contexto da realização dos XV Jogos Pan-Americanos sediados no Rio de Janeiro, em 2007.

Comprovando a epígrafe Volóchinoviana, aqui aduzida, sobre a coprodução de sentidos, por meio de processos sociodiscursivos, os artigos que arrematam o dossiê trazem à nossa reflexão discussões bem contemporâneas: o discurso religioso (e a questão identitária da pessoa trans) e as implicações do discurso tecnocrático sobre a imagem do sujeito (noção complexa, aqui abordada em algumas de suas nuances).

Elton Ibrahim de Vasconcelos Pantoja desenvolve uma reflexão sobre diversidade e identidade de gênero, a partir da construção do entendimento da pessoa transgênero (trans*) no âmbito do discurso religioso do Candomblé, a partir do estudo do pronunciamento, veiculado em redes sociais da internet, de uma autoridade desta religião.

Fechando esta edição, *at last but not at least*, Rízia Eduarda Andrade discute a imagem técnica e o sujeito linguístico, considerando que a modernidade está em decadência e que existe o fenômeno da remodelação do discurso tecnocrático. Com seu aprofundado estudo, a autora nos chama a atenção para o fato de que as formas de relacionamento social do mundo atual exigem que se olhe com mais atenção para as remodelações semânticas da instância simbólica, por meio da qual o ser humano se localiza nos referentes de sentidos e valores que conferem à realidade vivenciada.

O tema em pauta – discursos em tempos, espaços e contextos múltiplos e a influência da (hiper)digitalização nas relações intersubjetivas contemporâneas –, que permeou a organização do volume, é bastante amplo e polissêmico; assim, a heterogeneidade constitutiva – quer do discurso, quer dos diferentes *loci* de realização, quer da língua como objeto de pesquisa, quer do ensino – tudo isso constitui um mosaico de temáticas e linhas de investigação. Em vez do uno, cada vez mais o plural e o diverso se impõem, a visão das interfaces e da interdisciplinaridade nos convoca a olhar de forma mais abrangente, sem perder a especificidade

de cada fenômeno enfocado. Desafiantes, mas igualmente instigantes, as pesquisas e diálogos aqui trazidos podem suscitar, dialeticamente, novas problematizações e avanços.

Desejamos ótima leitura a todos!

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, [1994] 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias**. Provocações para a sala de aula. São Paulo: Parábola, 2021.

ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conectada, os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.